

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
LICENCIATURA EM ARTES

Andressa Gavasso Amarantes

MALABARISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Matinhos

2017

Andressa Gavasso Amarantes

MALABARISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná – setor Litoral como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Artes, sendo orientado pela Prof.^a Dr.^a. Gisele Kliemann.

Matinhos

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRESSA GAVASSO AMARANTES

MALABARISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção da graduação de Licenciatura em Artes pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

BANCA EXAMINADORA.

Prof.^a Dr.^a Gisele Kliemann

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Prof.^o Dr.^o Elderson Melo de Miranda

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Prof.^o Dr.^o Manuel Guerrero

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

MALABARISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andressa Gavasso Amarantes

Resumo: O presente trabalho relata cinco aulas aplicadas a quatro crianças de 04 anos em um colégio particular no município de Pontal do Paraná, abordando os movimentos iniciais do malabarismo como base para o trabalho de estímulos no desenvolvimento corporal e motor dessas crianças, segundo as fases de desenvolvimento apresentada por Gallahue. As aulas aplicadas foram divididas em três etapas: um primeiro momento para aquecimento; um segundo momento para a execução das atividades programadas e a terceira parte onde as crianças brincavam livremente com as bolinhas. Essas ações contribuíram para o processo de aprendizado dos alunos, tanto na etapa do experimento quanto nas descobertas de suas capacidades de movimento junto à prática circense demonstrando avanços motores no desenvolvimento progressivo das atividades do malabarismo.

Palavras-chave: Malabarismo – Educação infantil – arte-educação.

ABSTRACT: This study describes five classes applied to four 4 years old children in a private school in Pontal do Paraná city. Was approached the initial movements of jugglery as a base to the activities of stimulus in the corporal and motor development from those children according to the development phases from Gallahue. The classes were applied in three parts: First a warm-up, second the execution of the activities and in the last part the kids played freely with the jugglery balls. Those actions contributed to the students learning process, both in the experiment stage and in the discovery of movements capacity allied to the circus practice showing great motor advance and jugglery activities progressive development.

Key-words: Jugglery – Preschool – Art education

Introdução:

Ao redor do mundo muitas crianças e adultos apreciam as práticas circenses com brilho nos olhos. Tais práticas tem sua magia pela complexidade dos movimentos e ações, habilidades que são adquiridas após anos de treinos.

Malabarismo e acrobacias são algumas das práticas mais conhecidas do circo itinerante. Além da área motora, sua prática requer uma disciplina que ensina seus praticantes a explorarem os limites de seu corpo e a conviver em equipe, com seus colegas. Isso resulta em um trabalho em equipe e na formação de um cidadão que consegue viver em uma sociedade, tanto no individual quanto no coletivo.

Este artigo apresenta a prática de cinco aulas de circo aplicadas a 04 alunos da educação infantil de uma escola particular no município de Pontal do Paraná, utilizando do malabarismo, especificamente, como um meio de auxiliar no desenvolvimento motor e na compreensão corporal dos alunos. As aulas foram elaboradas de acordo com as habilidades básicas exigidas para a prática do malabarismo – arremesso e recepção - adequadas a fase do desenvolvimento infantil das crianças.

O projeto prático, testou a teoria de que essas atividades podem auxiliar as crianças no desenvolvimento pessoal e como consequência trabalhar a consciência corporal das crianças, apresentando a elas as possibilidades de exploração de movimentos existentes do corpo. Todas as atividades foram executadas em pequenos exercícios de forma lúdica, com bolinhas criadas antecipadamente pela ministrante das aulas. As aulas foram divididas em três tempos: um momento para aquecimento e um segundo momento para as atividades propostas e o terceiro momento na qual as crianças brincaram livremente com as bolinhas, o que auxiliou no aprendizado, tanto no experimento delas com essa prática quanto nas descobertas de suas capacidades de movimento junto à prática circense.

O corpo e o movimento

Os seres humanos interagem com o mundo através do movimento, que desde criança, é desenvolvido para além de executar ações práticas, como caminhar e dançar, mas também como comunicação, para expressar emoções e sensações.

Segundo Chistine Greiner e Helena Katz (2001):

“O corpo também é uma mídia, pois ele comunica, recebe, processa e transmite informações [...] constantes, sempre em fluxo com o ambiente, com nossos próprios corpos, com outros corpos” (RENGEL, 2004 p. 2).

A questão do movimento vai além daquele que estamos acostumados a exercitar, como caminhar e correr por exemplo, seu funcionamento está associado as atividades sensório motoras. Qualquer operação mental que fazemos relacionada ao pensamento, consciência visual, imaginação mental, linguagens, entre outros, requerem estruturas neuronais, as quais são partes do sistema motor, titulado como físico. É esse físico que trabalha com a informação que recebemos por meio do sistema motor que faz o contato com os neurônios e diz quais são as formas, as cores etc. Sendo assim, não tem como separar conceitos, ideias e pensamentos da experiência corporal, visto que ela é o suporte do que podemos dizer, pensar, saber e comunicar (RENGEL, 2004).

Por isso, é extremamente importante estimular, desde a infância, esse desenvolvimento do sistema motor. A escola, nesse caso, deve se manter presente, já que ela pode propiciar atividades e estruturas que auxiliam na progressão dos movimentos motores, como por exemplo por meio de jogos entre as crianças que explorem os potenciais dos corpos enquanto se movimentam e também como meio de comunicação.

Pelo fato de não serem suficientemente estimulados, muitos adolescentes, jovens e mesmo adultos não percebem o quanto é importante a expressão e a consciência do movimento para o bem estar. [...] apresentam falta de coordenação motora entre braços e pernas, não tem uma postura saudável, não sabem por vezes distinguir direita e esquerda, tem falta de equilíbrio, entre outros problemas. (RENGEL, 2004, pag. 4).

Deve-se saber que o movimento, a partir do corpo, compreende todos os tipos de movimentos físicos, emocionais e intelectuais. Sendo assim, na escola, o professor pode trabalhar com os alunos a percepção dos movimentos, desenvolvendo um maior vocabulário corporal estimulado pela criatividade na experimentação prática. Normalmente, isso é trabalhado em atividades como dança, educação física ou expressão corporal.

É nos momentos destinados à manifestação do movimento, seja ela dança ou expressão corporal, que o aluno pode ter a oportunidade de manejar melhor seu corpo, conhecendo-o, valorizando-o e confiando nele (RENGEL, 2004 p. 5)

O conhecimento passa pelo corpo, sendo assim, é preciso, principalmente na escola, acabar com a separação comum entre o aprendizado motor e o aprendizado intelectual, já que ao desenvolver o vocabulário motor, desenvolve-se também o vocabulário intelectual do aluno. (BRIKMAN, 1989).

Segundo Gallahue (2008), o vocabulário que consiste a linguagem do movimento é dividido em quatro componentes de compreensão:

- Consciência corporal – Entendimento do que o corpo pode fazer.
- Estruturação Espacial – Conhecimento de onde o corpo pode se movimentar.
- Consciência de esforço – Saber como o corpo pode mover-se.
- Consciência de relação – Percepção de com quem e com o que o corpo pode mover-se.

Esses elementos são semelhantes aos trabalhados por Laban¹ associados ao que ele chama de fatores de movimento. Podem ser trabalhados por meio de práticas que englobam atividades locomotoras, manipulativas e de equilíbrio, como o malabarismo, por exemplo, que trabalha várias partes do corpo ao mesmo tempo, desde mãos até os joelhos e pés.

¹ Rudolf Laban: Nasceu em 1879. Desenvolveu uma forma de dança expressionista, no qual os movimentos representam as emoções a partir dos processos criativos. A base dos movimentos, segundo Laban, é dividido em quatro fatores: Espaço, tempo, peso e fluxo.

Desenvolvimento infantil

O ser humano tem como seu primeiro meio de comunicação o movimento, que se aprimora no decorrer da vida. A criança usa desse movimento para obter um autoconhecimento, uma relação com o outro e um desenvolvimento de habilidades, denominado de linguagem não verbal.

“Tudo se inicia no começo do processo de desenvolvimento infantil, quando a criança usa os movimentos para expressar bem e mal-estar” (MAHONEY, 2000, citado por GARANHANI, 2012 p. 64).

Segundo Gallahue (2013), é a partir da brincadeira que a criança aprende sobre o seu corpo e as potencialidades do movimento, além de facilitar o crescimento cognitivo e afetivo.

Até os três anos de idade, que são os anos iniciais de sua vida, a criança desenvolve concepções que estão relacionadas a sua relação com o outro e com o meio em que vive, por isso, a cada descoberta a criança aprende mais com seus movimentos.

Esses primeiros anos são um período de desenvolvimento cognitivo importante e foram chamados por Piaget de “estágio do pensamento pré-operacional”. Durante esse tempo, as crianças desenvolvem funções cognitivas que, no final, resultam no pensamento lógico e na formulação de conceitos (GALLAHUE, 2013 p. 193).

Durante o crescimento da criança, ela passa por fases e estágios de maturação. Cada criança, no entanto, possui uma particularidade e seu próprio tempo de maturação, no qual evolui e aprimora-se de acordo com o estímulo dado em todos os momentos.

Segundo Gallahue e Ozmun (citado por SILVA, 2013), até os três anos de idade, a criança passa por duas fases de desenvolvimento, sendo elas a fase reflexiva e rudimentar. Na primeira fase, a criança inicia os movimentos involuntários em busca de necessidades naturais como alimentação e proteção, por exemplo. Após esse momento, cerca de dois anos, inicia-se a fase

rudimentar – estágio do pré-controle, na qual a criança aprende a manipular objetos, ter maior equilíbrio e controle em seus movimentos (ALBUQUERQUE, 2012).

A partir dos três anos, a criança está na fase de movimentos fundamentais – Estágio inicial e elementar. É onde a criança está altamente ligada aos experimentos que o seu corpo está propiciando, tendo como movimentos fundamentais correr, arremessar, receber, saltar, dentre outros.

No estágio inicial dos movimentos fundamentais, as crianças iniciam a suas tentativas de alguns movimentos e, depois, elas evoluem até o estágio elementar dos movimentos fundamentais, onde a criança aprimora os movimentos que aprendeu do estágio anterior.

No estágio elementar dos movimentos fundamentais, a criança aprimora esses movimentos que foram iniciados no estágio anterior: começa a correr sem se desequilibrar, ou arremessar um objeto com mais precisão, podendo assim, iniciar com trabalhos básicos de malabarismo, os quais pela da pratica manual com as bolinhas, pode estimular um aprimoramento dos movimentos fundamentais.

“Algumas crianças podem estar além desse nível no desempenho de alguns padrões de movimento, porém, a maioria está no estágio inicial. ” (ALBUQUERQUE, 2012 p. 03).

Cada criança contém sua característica própria, o que faz com que não exista um total parâmetro de igualdade no desenvolvimento de um grupo de crianças da mesma idade, pode acontecer que uma criança esteja mais evoluída dentro da sua fase de movimentos fundamentais, tendo em vista que lhe são dados mais estímulos.

Segundo Gallahue e Ozmun (2013, p. 71), “as habilidades do movimento fundamental tem utilidade durante toda a vida e são componentes importantes da vida diária de adultos e das crianças.”

A partir dos seis anos, a criança inicia a fase de movimentos fundamentais e especializado, onde desempenha os movimentos de forma mais controlada e coordenada (ALBUQUERQUE, 2012).

Nessa fase a criança desenvolve os movimentos fundamentais de forma mais elaborada, realizando a junção de dois ou mais para execução de

atividades mais complexas, como as atividades de malabares mais estruturadas ou outros jogos, como correr e saltar, pular e chutar, por exemplo.

Cada criança deve ser estimulada de acordo com a sua idade e sua fase de desenvolvimento, o que varia de uma criança para a outra, visto que cada uma possui sua característica individual e que deve ser respeitada na hora de trabalhar a prática de movimentos.

O malabarismo

1. História

O malabarismo surgiu, há cerca de 4 mil anos, porém, as habilidades utilizadas na sua prática vêm juntamente com o início da evolução do homem, estimando ser de 100 a 200 mil anos atrás. Segundo Santos (2012), desde que se iniciou a construção de utensílios que auxiliavam nas atividades do dia a dia, conseqüentemente foi preciso desenvolver então, habilidades para o manuseio dessas ferramentas.

Acredita-se que essa prática, para algumas civilizações, era executada em ritos religiosos e em outras atividades culturais como uma demonstração e competição de habilidade. A primeira prova física que comprova a longa existência dessa prática é egípcia, um desenho da décima quinta tumba de Beni Hassa, no qual se mostrava mulheres malabaristas realizando, segundo alguns historiadores, um rito religioso. (SANTOS 2012)

Durante o renascimento, o malabarismo não era visto com bons olhos, pois passou a ser considerado como uma atividade de “malandro”, já que algumas pessoas usavam da prática para roubar. Essa ideia se desconstruiu no final do renascimento, no momento em que as pequenas aldeias se transformaram em grandes cidades e a necessidade por apresentações lúdicas para o povo se viu necessária. Durante esse processo a prática de malabares encontra espaço nas apresentações teatrais da *Commedia Dell'Arte*², onde apresentava as características que a prática precisava para atuação, como

² Nome dado para um gênero teatral cômico de teatro de rua.

espaço para improvisação no decorrer da peça, linguagem de fácil entendimento e viagens frequentes (SANTOS 2012).

A atividade lúdica do malabarista passa a ser por necessidade social, uma habilidade reconhecida pelo encantamento que despertava nos espectadores (pois estava atrelada a libertação histórica do homem em relação aos determinismos impostos pela visão da Idade Média). (SANTOS, 2012 p. 19)

Potencialmente, durante os séculos XVIII e XIX, o malabarismo se uniu com o circo e a partir dessa fase, cada vez mais, se procurava um diferencial entre um malabarista e o outro nas apresentações, criando assim novas modalidades da prática. Isso fez com que os praticantes dessa arte fossem conhecidos e apreciados, já que as suas apresentações eram as mais esperadas no espetáculo de um circo.

Contudo, com o desenvolvimento do cinema e dos meios audiovisuais, nos anos 40 e 50, ocorreu um declínio na popularidade da prática, o que fez ser criado nos Estados Unidos a IJA (International Juggling Association) – associação internacional de malabaristas, que auxiliou para o não declínio do malabarismo. (SANTOS 2012)

2. Prática do malabarismo

Mas o que é a prática de malabarismo? É o ato de manipular objetos com exatidão e agilidade, tendo os níveis de dificuldade de acordo com a quantidade de objetos ou o quanto mais cortante ou flamejante eles podem ser (SANTOS, 2012).

Antes de realizar qualquer prática corporal, deve-se alongar e aquecer. Não é diferente no malabarismo, a prática é executada de pé e utiliza muito os braços e o apoio das pernas, sendo assim sua execução exige um aquecimento e alongamento adequado, para evitar lesões, principalmente em crianças.

No malabarismo, o alongamento pré-treino, segundo Santos (2012), é importante para diminuir o risco de lesões, preparar as articulações para movimentos de impacto, ampliar a extensão de movimentos, relaxar os músculos fazendo com que os movimentos se tornem mais precisos, aumentando a circulação, tendo como respostas um corpo que responda mais rapidamente aos

estímulos dados, sendo assim, o autor defende uma série de alongamentos para a prática, nos quais se diferenciam de acordo com a intensidade do treino.

O malabarismo para iniciantes, é baseado em atividades simples as quais não exigem um nível muito alto de habilidade logo de início. Com uma continuidade de treinos focada a essa prática, as atividades vão se tornando cada vez mais complexas. Essas atividades podem ser executadas por qualquer pessoa de qualquer faixa etária. Santos (2012 p. 46) diz que “qualquer pessoa que se dedique pode realizar malabarismo”. Sendo assim, a prática de malabarismo pode ser executada com crianças e trazendo grandes benefícios para seu desenvolvimento corporal.

As atividades de malabarismo para iniciantes são simples, porém, complexas para aquele que não possui uma boa coordenação motora. Visando o público infantil como foco do projeto, os movimentos executados como arremesso e recepção, são para a prática de malabarismo iniciante, sendo constituídos pelos movimentos:

- Cascata: movimento de bolas cruzadas entre as duas mãos.
- Fonte: movimento em que as bolas são jogadas simultaneamente para cima com apenas uma mão.

Essas duas atividades iniciais, constituem o básico do malabarismo segundo o autor Santos (2012), e trabalham a coordenação, concentração e a postura da criança.

Além das bolinhas, existem outros instrumentos usados, a clave³ e a argola⁴; para cada uma tem uma técnica diferente.

A prática na educação infantil

Foram aplicadas, na oficina, cinco aulas de 35 minutos cada, para quatro crianças de 03/04 anos em uma escola particular do município de Pontal do Paraná.

³ Clave é um instrumento utilizado no malabares e tem um formato comparado ao pino do boliche.

⁴ Argola é um instrumento utilizado no malabares com um formato de círculo.

As aulas foram elaboradas em uma sequência evolutiva, na quadra de esporte da escola (espaço cedido pela escola), visando um aumento, nem que seja pequeno, na complexidade de execução dos movimentos. No entanto, as atividades programadas no planejamento não foram as aplicadas totalmente em todas as aulas, visto que os alunos estavam demonstrando muita dificuldade no entendimento das práticas, por isso, as atividades foram adaptadas no decorrer do processo.

O primeiro dia na escola foi dedicado à observação e análise da coordenação motora e domínio corporal dos alunos. Como o esperado, nenhuma criança é igual a outra, sendo que cada uma possui o seu tempo e a sua maneira de agir. Embora todas as crianças estivessem dentro da fase de desenvolvimento prevista para a idade, uma das crianças demonstrava um domínio menor na hora da manipulação inicial das bolinhas. No decorrer das primeiras dinâmicas, foi preciso a repetição das ações para que as crianças com mais dificuldade conseguissem ir em frente nas atividades.

Os alunos deveriam no primeiro momento jogar bolinhas para a professora e recebê-las de volta e, no segundo momento, jogar as bolinhas entre eles. Foi perceptível que os alunos possuíam pouco domínio na coordenação motora, resultado esperado na fase de desenvolvimento em que se encontram.

Outro fator que pode ter contribuído para que os alunos não tenham apresentado tanto domínio no manuseio das bolinhas foi a falta de estímulos trabalhados com os alunos até o momento, visto que, os movimentos trabalhados em atividades diferenciadas na sala, como um momento com música, ou desenhos livres no chão, por exemplo, que iriam auxiliar na ampliação de suas noções corporais, eram executados em espaços pequenos o que os privava de realizarem grandes descobertas corporais. Os momentos em que as crianças se viam livres, para explorarem os corpos eram apenas nas aulas de educação física uma vez na semana; a não ser nesse momento, as crianças só praticavam atividades em sala de aula com papeis e canetas e sentados.

Partindo dessa realidade, no qual os alunos possuíam poucos estímulos no âmbito escolar, as atividades da segunda aula, foram adaptadas de acordo

com a turma, e as atividades executadas eram de arremesso e recepção – a base das atividades do malabarismo - aumentando em cada aula a dificuldade dos movimentos e alternando para que fosse um trabalho individual e coletivo.

No estágio em que as crianças se encontram, denominado por Gallahue (2008) de movimentos fundamentais – Estágio inicial, essas dificuldades no manuseio de materiais são esperadas. Segundo o autor, a criança dessa idade precisa de instruções diretas sobre o posicionamento dos braços, responde à recepção de forma lenta, além de ter reações de medo (virar o rosto) no momento de tentar pegar o objeto do ar.

Nas práticas de recepção, foi incentivado os alunos a olharem para as bolinhas para que eles conseguissem perceber o momento de pega-las. Inicialmente, os alunos sentiram receio, mas depois que um conseguiu pegar a bolinha olhando para ela, todos os outros tentaram. Foi preciso trabalhar essas questões no decorrer da oficina.

De uma maneira recreativa, os alunos começaram recebendo propositalmente, uma bolinha pequena (foto 1), apesar de saber, antecipadamente, que eles conseguiriam realizar a atividade com um maior sucesso se a bola fosse maior (uma bola de vôlei, por exemplo). O intuito era trabalhar sempre com a bola de menor proporção, para ver como que os alunos estavam desenvolvendo.



(Foto 1 – bolinhas pequenas feitas de arroz e bexiga - acervo da autora)

Gallahue (2008) explica que a criança não consegue realizar essa ação de recepção da bolinha pequena, visto que, ela precisa visualizar a bolinha para conseguir segurar. Já com as bolas maiores, é mais fácil de receber porque, no momento de recepção, a criança consegue trazer a bola contra o peito para segurar, o que é difícil de acontecer com a bola pequena, uma vez que o globo ocular se forma por completo aos 12 anos.

No momento da aplicação das atividades da terceira aula, alguns alunos não mostraram apenas dificuldade para a execução da recepção, mas também, para manter a concentração no momento da realização da prática.

Na prática que estávamos em círculo, enquanto um aluno recebia a bola do segundo colega o terceiro não conseguia perceber que estava chegando o seu momento de receber e arremessar, porque perdia o foco da atividade no momento em que as mãos se viam livres.

Segundo Araujo (2012), nessa fase a criança consegue manter a concentração em média de 15 a 20 segundos. Isso se dá pelo fato da criança estar em uma fase de muitas descobertas, com a independência das atividades motoras sua atenção não é muito longa em um determinado ponto ou atividade.

Os quatro alunos se mostravam interessados nas atividades, já que para eles aquele momento não passava de uma grande brincadeira com bolinhas, e por mais que as atividades parecessem por vezes perder o foco, na hora da prática, as propostas eram desenvolvidas mais em forma de brincadeira. Enquanto uns estavam brincando entre si, eram realizadas algumas atividades individuais rapidamente, para uma percepção maior do desenvolvimento de cada um.

Como o esperado, nenhum aluno conseguiu receber a bolinha diretamente com as mãos nas primeiras atividades, até porque esse estágio de desenvolvimento não está de acordo com a idade deles e precisaria de um trabalho contínuo para que fosse dado todo o estímulo necessário para um avanço perceptível a olhos nus (Gallahue, 2008).

O que foi conquistado nas aplicações iniciais foi a recepção das bolinhas pequenas com as duas mãos contra o peito. Três alunos conseguiram, o que é apto, segundo Gallahue (2008).

Observou-se na prática que, por mais que houvesse a recepção por partes de alguns, havia uma grande dificuldade no desenvolvimento com as bolinhas muito pequenas, foi preciso troca-las na quarta aula por outras um pouco maiores (foto 2), para dar continuidade às atividades.



(Foto 2 – bolinhas maiores usadas na aplicação da aula. – acervo da autora)

Efetuada essa troca, as aulas seguiram com as atividades previstas, tendo assim, uma alteração no desenvolvimento dos alunos, percebendo que, todos começaram a obter pequenos gestos de expansão no repertório corporal, como novos meios de recepção das bolinhas.

Gallahue (2008) diz que ao trocar os tamanhos das bolinhas o professor influencia no padrão da execução, no intuito de gerar êxito e motivação na prática da recepção.

Esse aumento do vocabulário motor, foi mais observado nos momentos que os alunos se viam livres com as bolinhas e em atividades individuais e realizadas aleatoriamente, nos quais executavam movimentos livres um com o outro e percebendo, assim, um ao outro. Ao iniciar um movimento novo, os alunos paravam todos chamando a atenção e pedindo para observar.

Esses momentos livres eram bem enriquecedores para cada um, pois, após ter o contato com a atividade de malabares, eles se viam livres para experimentar novas experiências, o que ajudou nas práticas também, os alunos realizavam o ato de jogar a bolinha para cima e pegá-la novamente sozinhos. Era um momento das crianças e seus movimentos e permitiu a todos novas percepções, até mesmo na hora em que a bolinha caía, visto que, desses acontecimentos, as crianças já partiam para outros movimentos que exploravam o nível baixo⁵ para pegar a bolinha novamente ou até mesmo os alunos caíam involuntariamente. Essa prática fez com que os alunos transitassem entre os níveis, permitindo-os, inconscientemente perceber como o seu corpo pode movimentar-se estando em qualquer altura, e conseqüentemente aumentando seu repertório corporal.

Um fator que não contribuiu para o desenvolvimento do projeto foi o intervalo entre uma aula e a outra, sendo que o aluno esquecia e não praticava os estímulos trabalhados nas aulas em casa e na aula seguinte ele já havia esquecido a maneira de executar a atividade. Isso fazia com que o aluno obtivesse uma certa dificuldade na hora de dar sequência nas práticas, visto que, era necessário lembrar o que tinha sido trabalhado no último encontro.

Após a recuperação do que havia sido aprendido na aula anterior, na continuidade, os alunos conseguiam executar as atividades de jogar e receber demonstrando um maior domínio. Apenas uma criança demonstrava grande dificuldade em receber as bolinhas, independentemente do tamanho das mesmas. Com essa aluna, foi trabalhado de uma forma diferente dos outros, mesmo ela estando no mesmo ambiente e realizando as mesmas atividades. Na hora da recepção das bolinhas, para ela era jogado de mais perto, para que aos poucos conseguisse receber.

Outro fator que pontualmente foi decisivo para o aprendizado era a falta dos alunos na escola no dia em que a oficina acontecia, nem sempre compareciam todos os alunos na aula, o que prejudicou o seguimento do projeto.

⁵ Os níveis em relação ao corpo: 1- Baixo: quando o corpo se movimenta mantendo a menor distância entre o chão até a altura do quadril. 2- Médio: Quando o corpo se movimenta mantendo os membros superiores entre o quadril e a cintura escapular (corpo ereto). 3- Alto: Quando o corpo se movimenta mantendo os membros superiores acima do pescoço. (Costa, 2010)

No entanto, o que foi visto, permitiu reconhecer que os alunos utilizaram das atividades para um conhecimento do corpo e um desenvolvimento na sua coordenação motora e óculo-manual.

Essa conclusão se deu na aplicação da última aula, onde os alunos voltaram a praticar com a primeira bolinha trabalhada com eles e os quatro presentes, conseguiram arremessar e receber a bolinha com mais frequência que no primeiro dia. Também a aluna que possuía dificuldade na execução, conseguiu receber e arremessar a bolinha com um maior controle, atingindo também o objetivo do projeto da aula.

Além dessa prática de recepção e arremesso, outros conhecimentos vieram para os alunos involuntariamente, como a prática do coletivo. As atividades executadas em todas as aulas, além de ter por finalidade o malabarismo, trabalharam questões como o trabalho em equipe.

Nesse conjunto de atividades executadas na escola, os alunos não trabalharam o corpo apenas nas práticas específicas. Desde o alongamento eram instigados a conhecer mais os seus corpos, desenvolvendo uma noção do que o seu corpo pode fazer, trabalhando inúmeras questões, como a postura. Santos (2012), diz que o cumprimento da postura adequada, irá trazer benefícios não só no treino como na rotina da pessoa, como por exemplo: proporciona ao praticante um treino mais longo sem dores e uma noite de sono sem incomodo. Além de outros benefícios.

Algumas atividades focavam no desempenho individual onde o aluno se permitia arremessar e receber as bolinhas. Outros focavam no trabalho em grupo, no qual todos participaram das atividades em conjunto, se percebendo entre eles, visualizando os limites do corpo de cada um, compreendendo que para a execução das atividades é necessário se permitir receber a “bola” do outro e aceitar que o outro também tem a sua vez, passando assim a bola para o terceiro.

Considerações Finais:

Esse trabalho teve como objetivo apresentar cinco aulas aplicadas a quatro crianças da região do litoral do Paraná, trabalhando as práticas iniciais do malabarismo (arremesso e recepção) estimulando o desenvolvimento motor e o aumento no repertório corporal dos alunos.

Durante a regência, os alunos apresentaram grandes dificuldades nas atividades iniciais e foi preciso alterar a metodologia e os materiais para que conseguissem dar continuidade.

De forma lúdica, os alunos executaram atividades que eram baseadas pelos ensinamentos de Richard Santos para a prática do malabarismo, e focando nos livros de Gallahue para compreender como poderiam ser executadas as atividades a partir da fase de desenvolvimento dos alunos e como poderia se ver uma melhoria no desenvolvimento motor e na atenção. Com o objetivo de melhorar as possibilidades de movimentos utilizados nas práticas além daquelas do cotidiano (caminhar, por exemplo).

Gallahue (2008) diz que a linguagem de movimento é dividida em quatro partes, consciência corporal, estruturação espacial, consciência de esforço e consciência de relação. O malabarismo apresenta práticas que possibilitam melhorar essas noções de movimento, já que permite possibilidades que o corpo tem de se movimentar, apresenta de forma inconsciente os limites do corpo, mostra onde que o corpo pode estar e com o que ele pode se relacionar.

Além disso, o trabalho apresentou como resultado uma percepção dos alunos sobre os diferentes corpos existentes como pode respeitá-los, bem como o trabalho no coletivo, que mostra como uma sequência só existe se tiver um outro para dar continuidade, por exemplo.

Com isso, o resultado dessas ações apresenta que, o malabarismo pode ser usado com criança, da maneira adequada e com os estímulos certos, eles podem auxiliar no desenvolvimento infantil, apresentando para essas crianças, mesmo que de forma inconsciente, o que o corpo delas é capaz de fazer.

Referencias:

ALBUQUERQUE, Maicon. *Desenvolvimento motor de crianças*. 2012

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. *Característica da criança em cada faixa etária*. 2012. Disponível em: <http://www.montesiao.pro.br/estudos/crianca/caract_faixaetaria.html > acesso em: 31/ Out. / 2016.

BRIKMAN, Lola. *A linguagem do movimento corporal*. São Paulo: Summus, 1989.

COSTA, Leonardo Lima. *Níveis de movimentos alto, médio e baixo*. 2010. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=19967>>

FERREIRA, Luciane Cristina Schuarts. *Educação na primeira infância*. / Luciane Cristina Schuarts Ferreira, Déborah de Araujo Maia. Curitiba: Editora Opet, 2011.

GALLAHUE, David L., *Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças*/ David Gallahue, FrancesCleland Donnelly; 4.ed. – São Paulo: Phorte, 2008.

_____. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 7^o ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

RENGEL, Lenira. *O corpo e possíveis formas de manifestação em movimento*. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da educação – Diretorias de projetos especiais, 2004.

OSSONA, Paulina. *A educação pela dança*. – 6^o ed. São Paulo: Summus, 2011.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. *Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental: saberes e práticas*. Curitiba: SEED-PR., 2012.